

Exa. se visse um operário trabalhando no asfalto, suporia, por certo, que estivesse vendo um engenheiro trabalhando. Neste particular, o nivelamento foi feito por baixo. Mas não posso me esquecer que é dada a todos, na União Soviética, a oportunidade educacional, desde que não leve "bomba". Isto é, todo cidadão que disponha de condições naturais, biológicas e psicológicas, que tenha equipamento hereditário ou inato, que lhe permitam cursar uma escola a curar-se por conta do Estado, e nela será mantido, se dispuser de condições morais, isto é, se estiver determinado a utilizar bem os recursos do povo, que serão os recursos do Estado. Porque se levar "bomba", o Estado não o manterá na escola apenas pelos seus belos olhos. Assim, desejo levar a V. Exa. a atitude que tomei, procurando objetivamente, a meu ver, dizer àquelas que não puderam ir à União Soviética, o que vi de bom e o que vi de ruim. Uma das conclusões a que cheguei, e na qual me encontro ainda, é que muito da Cortina de Ferro foi por terra. Entra-se na União Soviética, hoje, com muito mais facilidade do que se entrava no passado. Eu poderia ter levado na minha bagagem literatura subversiva. Minha bagagem jamais foi examinada nas alfândegas do mundo socialista, e tive liberdade, bem na Praça Vermelha, de Moscou, de conceder entrevista ao "Jornal Falado Tupi", e ainda pela televisão, que foi transmitida aqui em São Paulo. Fiz minhas restrições publicamente, na Praça Vermelha, de Moscou. Isto não quer dizer que haja plena liberdade do povo. Um dos pontos fracos, e fundamentais, a meu ver, é exatamente a falta de liberdade para manifestação do pensamento. Nós dispomos dessa liberdade. Temos-a, embora condicionada às restrições econômicas que impedem que todos possam igualmente manifestar a sua opinião e o seu pensamento. Mas nós dispomos da relativa liberdade que se pode desfrutar. No Brasil temos, a meu ver, nobre deputado, das maiores facilidades para manifestação do pensamento. Voltando uma vez da Europa, em outra viagem que fiz, acompanhado de um europeu, quando descessem no Rio de Janeiro ele quase caiu no chão, quando viu um jornal com o cabeçalho "Dutra ladrão" e soube, por mim, que Dutra era o presidente da República. Porque não acredito que haja outro país em que se possa dizer assim, de um presidente da República, tudo quanto se quer, impunemente.

Gozamos, realmente de todas liberdades, dentro das limitações naturais que a liberdade implica. O que realmente mais nos afasta do regime é a supressão da iniciativa privada, que impede ao homem crescer na direção desejada. Isso é o que o regime democrático nos assegura, ao contrário do regime vigente na União Soviética, que nem sempre não-lo possibilita. Por outro lado, mostrei que muitas vezes atribuímos ao regime soviético virtudes ou defeitos que não são do regime, mas do próprio povo russo, da sua história, como é da natureza quase sempre do europeu. Assim, por exemplo, a seriedade com que se trata o problema da educação, não é apenas uma cautela do regime, mas um traço característico do próprio mundo europeu atual, ao contrário do povo americano, muito superficial nos seus estudos. Acho que a revolução russa foi um serviço para o mundo, pois se não fosse o socialismo no oriente da Europa, não sei como estaríamos hoje. Os corifeus do capitalismo estariam indiferentes ao sofrimento do povo. Assim mesmo eles não desejam ceder um passo para a elevação dos trabalhadores. Tenho para mim que essa experiência de sofrimento, fome e sangue dos russos foi benéfica para o mundo contemporâneo, pois possibilitou no mundo capitalista concessões de ordem econômica. No dia em que o capitalismo ceder, na ordem econômica e o socialismo ceder no plano político, reconhecendo o primado do homem sobre as coisas, dignificando-o, como merecedor de melhor tratamento, teremos encontrado o mundo que todos aspiramos e pelo qual lutamos. Em nome da democracia não podemos, jamais, impedir a nova abolição da escravatura, que é a redenção dos trabalhadores. É preciso que o regime democrático, que desejamos para nós, nossos filhos e netos, tenha prestígio junto às massas trabalhadoras, seja autêntico, porque apenas a liberdade não é tudo. É imprescindível também a justiça social, para atingir a paz social. Nenhuma paz será alcançada entre todas as classes sociais, entre os trabalhadores, enquanto não se promover a igualdade de oportunidade.

Nessas condições, entendo que a liberdade é essencial ao regime democrático pelo qual nos batemos. E só mediante a liberdade podemos aqui discutir o regime que não poderíamos discutir além da Cortina de Ferro. (Muito bem.)

(É dado um contra-aparte.)

O Sr. Sólton Borges dos Reis — A liberdade é essencial, mas não é tudo. Precisamos também lutar pela justiça social. Sem a justiça social a liberdade será gozada pelas classes favorecidas e nunca pela massa, pelos trabalhadores. E nós só teremos uma democracia autêntica quando a liberdade for lastreada na justiça social. Ai sim. Ai, então, a democracia vai-se impor aos trabalhadores, que morrerão por ela, porque enquanto não houver justiça social o povo não vibrará pela democracia. (Muito bem.)

O Sr. Murillo Sousa Reis — V. Exa. permite um aparte? (Assentimento do orador.) Nobre deputado, ouvi atentamente o discurso do nobre colega Sólton Borges dos Reis, a exposição que fez S. Exa. com relação ao passeio que efetuou pela Rússia. E nessa oportunidade também estava com S. Exa. Não quero falar sobre a Rússia, porque, pelo que lá vi, nada me impressionou. Não tenho saudade nenhuma do que vi durante a minha viagem. Mas o que me preocupa não é a Rússia. O que me preocupa é o Brasil, e especialmente São Paulo. (Muito bem.) — Nós, aqui em São Paulo, já estamos sofrendo um processo evolutivo de comunicação. Veja V. Exa.: vi ontem no Aeroporto de Congonhas, uma bandeirola da Rússia, toda vermelha, com martelo e foice, hasteada. E o mais interessante é que um guarda-civil trazia uma bradeira com a bandeira da Rússia, com a foice e o martelo. Então, curioso...

(É dado um contra-aparte.)

O Sr. Murillo Sousa Reis — Não creio que tenha sido o Sr. Jânio Quadros, mas, talvez, o Sr. Jango Goulart.

O SR. PRESIDENTE — (Faz soar a campainha.)

O Sr. Murillo Sousa Reis — Mas veja V. Exa., nobre deputado, ali existe um pequeno "bureau" de informações. Aliás, diga-se de passagem, é um orgulho para a Guarda Civil de São Paulo, porque mantém ali guardas-civis que falam inglês, japonês, inúmeras línguas enfim, e entre elas o russo. Mas o fato curioso é que o guarda-civil não falava exatamente russo, mas búlgaro, que é língua mais ou menos semelhante. Então indaguei do guarda-civil porque ele trazia aquele emblema russo. Respondeu-me ele: «É porque falo búlgaro, porque sou tradutor do búlgaro». Veja V. Exa. a preocupação do chefe dessa Guarda Civil. Agora, indago: será que o Sr. Secretário da Segurança Pública não sabe dessas coisas, ou será que também participa da propaganda comunista em São Paulo? Será o Diretor da Guarda Civil de São Paulo um cripto-comunista, simpático aos comunistas, que permite que um subordinado seu esteja fazendo propaganda russa no Aeroporto de São Paulo? Tudo isso é de se lamentar. Lanço aqui o meu protesto, e espero que o Sr. Secretário da Segurança Pública e o Diretor da Guarda Civil de São Paulo mandem retirar aquela bandeira da Rússia do Aeroporto de Congonhas, porque a próxima vez que ali encontrar essa bandeira, arranca-la-ei eu mesmo.

A Sra. Conceição da Costa Neves — V. Exa. me concede um aparte? (Assentimento do orador.) — Querida, através de sua gentileza, ter algumas considerações sobre as afirmações do nobre deputado Sólton Borges dos Reis. S. Exa. falou das belezas que pôde constatar, em determinados detalhes da vida do povo, atrás da Cortina de Ferro. Vamos então à saúde. Não pode existir saúde se não há uma indústria farmacêutica adequada. Certo, Sr. deputado? É evidente. Não pode. Se a indústria farmacêutica está atrasada, como pode esse país promover a saúde pública? Não pode! Então vamos aos fatos. Trago aqui provas inofensivas. Vamos às provas. Nessa viagem gozei de um privilégio que foi Deus quem me deu, estou certa. Eram 22 elementos na comitiva: oito deputados, mais os jornalistas. Agora mesmo estou vendo, na tribuna da imprensa, o Sr. Osvaldo Corrêa, que fez parte da nossa comitiva. E por gentileza, cavalheirismo e malícia dos outros sete Srs. deputados, que eram homens, foi aclamada esta deputada Presidente da comitiva. Cavalheirismo que é característica do brasileiro; malícia porque um deveria ser eleito e os homens não gostam de ser derrotados entre si, então como os outros seis seriam derrotados, aclamaram a deputada. Mas foi por inspiração de Deus, estou certa, e V. Exa. não pode imaginar como pude aproveitar em experiência, pelo fato de ter sido aclamada Presidente da comitiva. Fiz indagações ao camarada — camarada deles — encarregado da Saúde. E como V. Exa. não pode deixar de imaginar o assunto primeiro qual seria? Lepra, evidentemente. Então perguntei sobre os resultados do tratamento sulfônico. E o encarregado lá diz aqui o nobre deputado Sólton Borges dos Reis, que se chama "tovarisch" que quer dizer "camarada" — aquele camarada deles e não meu, porque não temos nenhum meio de camaradagem, porque tudo nos separa e nada nos une; então o "tovarisch" encarregado da Saúde, o que equivale dizer o Ministro da Saúde deles, não conhecia as sulfonas, mas mandou chamar um médico e junto com ele veio uma doutora. Então a confissão lá está feita na presença de jornalistas e outros deputados: não conhecem as sulfonas. "E como os senhores cuidam do problema da lepra aqui?" perguntei eu. Disse o correspondente o Ministro da Saúde na Rússia: "Nós reservamos uma localidade bem no interior da Rússia, de clima bom e lá localizamos os 5.000 doentes que temos. Como a área é grande e boa eles produzem para a alimentação e recebem vestimenta, medicamentos outros e de quando em vez vai lá uma comissão para saber das necessidades". "Sem nenhum tratamento?" perguntei e. Ainda fazem o velhissimo, o quase bíblico "chalmugra", inteiramente superado, condenado, posto a margem. Respondi a esse cidadão que é médico: "Mas os senhores não estão

resolvendo nem tentando resolver o problema da lepra. Os senhores estão exatamente promovendo o desenvolvimento da lepra, porque já estão homens e mulheres, e onde há homem e mulher, há criação. E este cordão de isolamento que os senhores puseram, nesse território logo logo terá que ser ampliado porque em vez de 5.000 doentes serão 10.000, 15.000, 20.000 e este isolamento sem nenhum atendimento médico especializado nada mais é senão um verdadeiro viveiro de lepra". Isto é a lepra na Rússia. O jornalista Osvaldo Corrêa, que aqui está, deve estar lembrado do que contarei a seguir. Um casal amigo estava com gripe. Todos nós tivemos gripes (resfriado não, gripe) e um tal de Belini Burza, um coitado, cheio de recaques, porque eles os comunistas são sempre assim cheios de recaques — ou são aleijados ou tem problemas de pai e mãe, às vezes só de mãe porque pai... às vezes problemas de esposa, ou problemas de não realizações em geral são feios, frustrados, não se conformam em não ter obtido aquilo que eles imaginavam poder merecer da vida.

Então, aquele casal ameaçado, a senhora já com basite, tal o estado de gripe, e ele, ameaçado de pneumonia, já em Leningrado, os dois acamados, e eu sou chamado para conversar com a doutora que os atendia e que falava francês. Quando entro no quarto, vejo um volume, e perguntei: "Que é isto?" E disse-me a senhora: "Tire a colcha que vai ver o que é." Retirei a colcha, e ambos estavam com a base do tórax completamente cheia de copinhos, de ventosas. Indaguei da doutora: "Não estão dando antibióticos, medicamentos?" "Não, nós não usamos, nós não aplicamos". — "Mas os senhores vão resolver a pneumonia e a basite com ventosas?" — "Sim, assim é que resolvemos". Imediatamente mandamos chamar o ex-deputado Dr. Pedro Fanganillo, que, por precaução, graças a Deus, levava mala cheia de medicamentos, e que entrou com um tratamento rigoroso naqueles dois companheiros de viagem, porque o tratamento lá era o de ventosas. Se V. Exas. verificarem as vitaminas, os outros medicamentos de que trouxemos amostras, vão verificar que no setor da saúde eles estão muito atrasados. E saúde, com favela em plena Moscou!? Referiu-se o nobre deputado Sólton Borges dos Reis a respeito dos prédios. Quando estive lá, era o auge do plano de construção para residências. Nós não vamos discutir beleza, porque beleza é uma questão de gosto. Já diz o velho ditado: imagine o que seria do amarelo? Não vamos discutir gosto, até porque o gosto da arquitetura daquela zona do mundo, a meu ver, é horroroso. Mas eu quero saber da parte prática. Estávamos no auge das construções. Nove metros quadrados para cada duas pessoas, naqueles apartamentos que visitamos, recém-construídos, alguns ainda não acabados, onde a cozinha e a instalação sanitária eram coletiva em cada andar. Não é apartamento! Se o casal é só, ele tem um cômodo de 3x3 ms. Se tem um filho, continua sendo esse cômodo. Se tem dois filhos, tem mais um cômodo, e assim sucessivamente, de duas em duas pessoas, um cômodo de 3x3 ms. A cozinha e a instalação sanitária são coletivas em cada andar, e atendem a no mínimo 8 famílias. Então, onde está o atendimento ao problema habitacional? Não existe. E aquilo era programa estabelecido pelo governo, como sendo o melhor. Então, vamos ver o problema do operário. O jornalista Osvaldo Corrêa, que está ali na bancada da imprensa, lembra-se da nossa visita à indústria de força elétrica de Leningrado: uma barbaridade! Os operários, cobertos de trapos, verdadeiramente. Chegamos, e logo a seguir era hora do almoço. V. Exa. precisaria ver o que estavam comendo aqueles operários: numa espécie de marmita, servida pela própria fábrica um caldo com umas batatas, o malfadado repolho (porque aquilo é a república dos Repolhos) e beterraba, que dava aquela coloração arroxeada ao caldo. E só. Minto: e um copo de chá. Um copo.

Sr. deputado, dessa indústria nós trouxemos os vencimentos dos operários não classificados, dos classificados, do engenheiro e do representante do partido, o dedo duro, o espião, o punidor, o capataz. Então, V. Exa. encontrará, salvo erro de memória: operário não classificado — Cr\$ 3.600,00 mensais; operário classificado — Cr\$ 6.300,00 mensais; engenheiro — inicia com Cr\$ 21.000,00, podendo chegar até Cr\$ 50.000,00. Mas, o dedo duro, o capataz, o espião, o representante do partido, que não trabalha e que por sinal, tinha um gabinete com relativo conforto, onde fomos recebidos, chega até a Cr\$ 80.000,00. Esse é o país que promove a igualdade! É a república do operário! Agora, vamos ver a questão da liberdade. Um povo que começa a enumerar: eu tenho liberdade de trafegar na cidade onde nuto... Porém, o cidadão que mora em Leningrado e quer ir a Moscou — distância correspondente a São Paulo e Rio de Janeiro — tem de ir ao partido pedir licença e dizer porque, e somente depois de o comissariado dizer "sim" é que ele pode viajar. E, muitas vezes, entre o pedido e a autorização decorrem meses. Então, V. Exa. está verificando como é a liberdade. Lá existe um metrô que é uma coisa esplendorosa; mármore, cristais da Tchecoslováquia — pais escravo — bronzes, com certeza de outro país escravo, "tapi roulant" — uma maravilha. Mas as operárias saem do trabalho, (que foi feito para V. Exas., porque é trabalho pesado, construir edifícios de apartamentos, trabalhar nas pedreiras, lavar ruas, de engraxar sapatos, colocar trilhos de estradas de ferro), quando terminam o trabalho, elas, que não têm poder aquisitivo para um "tapis roulant" do metrô, que V. Exa. deve ter visto tão vazio como eu vi, elas são transportadas em "paus de arara", em caminhões que já têm a escadinha, nas quais elas sobem para ir aos "paus de arara", uns cobertos outros descobertos. Dali elas são transportadas para suas casas, para os locais mais próximos às suas residências. Que atendimento social é esse? Os únicos homens que vi, e que V. Exa. deve ter observado, com camisa branca e de gravata, eram os do partido. São os da nova classe. E, quando um povo começa a dizer: eu posso sair de minha casa, tomar o "pau de arara" e ir para o emprego; posso ir ao teatro (que é ótimo e realmente barato); ir ao cinema (também ótimo e de baixo preço); ir à praça e ouvir concertos (que são também ótimos e baratos); eu tenho a liberdade de... Qual a outra liberdade? Liberdade de acender a luz do meu apartamento; de apagar a luz? Quando um povo começa a dizer as liberdades que tem, é porque já perdeu todas as liberdades porque a liberdade de um povo é indivisível; ela vale monoliticamente, ou não vale. Liberdade, Sr. deputado, e, principalmente, deputado Sólton Borges dos Reis, é a alavanca indispensável para todas as conquistas coletivas ou individuais.

Se não houver liberdade, como os aglomerados vão reivindicar os seus direitos? Como? Se não há liberdade, através do quê? Através do Partido Comunista? Mas, então é a liberdade de pedir ao Partido Comunista que promova o atendimento a tal e a tal reivindicação? Isso não é liberdade! A liberdade é inclusive esse excesso que o deputado, salvo melhor juízo, talvez não tenha entendido bem, nos relatou aqui que um cidadão que desembarcava com S. Exa. o deputado Sólton Borges dos Reis, viu um jornal e quase caiu no chão, mas depois o deputado disse que ele, deputado, teve que dizer que Dutra era o Presidente da República. Ora, se o cidadão não pôde ler Dutra, como pôde ler ladrão? Esse é um depoimento que não tem importância. Mas, Srs. deputados, devemos corrigir os nossos excessos. Excesso de liberdade é melhor ainda do que não ter liberdade. Isso não há a menor dúvida e sob esse ponto de vista acho que ninguém nesta Casa pensa de maneira diferente. A liberdade é condição indispensável, primordial, essencial ao aprimoramento da vida do indivíduo, de classes, de nações. Sem liberdade, nenhuma promoção pode ser executada para o indivíduo ou para o país. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE — Nobre deputado Francisco Amaral, está em discussão projeto de lei apresentado pelo nobre deputado Israel Dias Novaes, cancelando as penalidades sofridas por servidores do Estado e das autarquias e V. Exa. deveria ater-se mais ao assunto do projeto.

O Sr. José Lurtz Sabia — V. Exa. permite um aparte? (Assentimento do orador.) Nobre deputado Francisco Amaral, sobre o projeto de lei em discussão, de autoria do nobre deputado Israel Dias Novaes, no que tange às penalidades sofridas por funcionários públicos, ouvi as ponderações de vários deputados, ou seja, o problema das liberdades. Leão XIII, na sua encíclica "Requiem Novarum" e João XXIII nas suas encíclicas "Mater et Magistra" e "Pacem in Terris", abordavam o problema das liberdades e das igualdades de oportunidade. Nobre deputado, não só a liberdade, porque a liberdade pode para uns oferecer igualdade de oportunidades, mas o excesso de liberdade evita, de certa forma, que a maioria tenha o direito de oportunidades iguais. Inevitavelmente, no Brasil tradicional, nas suas liberdades nas franquias democráticas, tivemos um período de ditadura que não era ditadura, era um governo ameno e suave. Com a reconstitucionalização do país, em 1945, iniciou-se a grande caminhada da liberdade. Mas V. Exa. percebe que há uma determinada reação neste País que não quer permitir o direito de igualdade e de oportunidades, e V. Exa. sabe disto. Realmente, gozamos das liberdades que o regime democrático nos oferece, mas há certos setores em que a liberdade se excede de tal forma que certos cidadãos têm até a liberdade de impedir que ela seja estendida à maioria dos brasileiros. De maneira que a democracia, de 15 anos para cá, alguns dizem que está engatilhando, que a democracia vai se aperfeiçoando com o decorrer dos anos, e assim, também os parlamentares, mas percebe V. Exa., quando se fala em oferecer direito e igualdade de oportunidades, há determinadas forças que se levantam para impedir que isso aconteça. Tenho a impressão de que a liberdade não atinge a todos, porque alguns querem a liberdade só para si, esquecendo-se de que os outros devem gozar da mesma liberdade. E o Brasil, como um país heterogêneo, apresenta suas diversificações nas camadas sociais, com a sua cúpula dominante e a sua burguesia superada a não querer aceitar que se atinja ou que se conceda a liberdade e a igualdade para todos. Percebe V. Exa. que há, nos arraiais das representações populares, nas Assembleias e no Congresso Nacional, aqueles grupos que não querem dar o direito de opor-